

Amores e Seus Poemas

C. CASA
VOL. 1



Este é um pequeno gesto de amor e afeto que dedico a minha amada. Por todos os dias que construímos juntos e todos aqueles que ainda vamos construir.

Eu me recordo que quando te vi pela primeira vez, foi amor no mesmo instante. Já havia experimentado outras paixões, mas aquilo que senti por você foi algo novo. Me recordo também que meu coração ficava inquieto, até mesmo por que você não demonstrou muito interesse em minha pessoa. Mas eu continuei insistente até conquistar teu coração, e aqui estamos nós. Nós construímos e derrubamos muitos castelos juntos, mas sempre um ao lado do outro. Eu te ensinei a ser forte e você me ensinou a paciência, e foi graças a isso que continuamos sempre em frente.

Decidi fazer algo diferente para você dessa vez, algo que ficasse marcado para sempre. Pensei comigo mesmo: Por que não escrever um livro sobre ela e para ela?

E aqui está "Amores e Seus Poemas", poemas estes que são unicamente sobre nós.

Ao Leitor

Caro leitor...seja lá quem for.
Nessas páginas há de encontrar satisfação.
Seja por lê-las, interpretá-las, ou toca-las com as mãos.

Verás também que logo após um doce poema, caso queira,
Há uma página em branco, podes tu escrevê-la?
Nessas páginas, favor, responde-me de forma serena.

Podes escrever o que tu queiras,
Sejam respostas a amores não correspondidos,
Sejam canções em forma de gritos.

Essas páginas representam, tudo aquilo que não fostes,
Faz delas teus caminhos, vê se te esforce, e...
Escreva-me belas coisas também a noite.

Amores e Seus Poemas

C. CASA
VOL. 1

Amor em um poema

O amor é um poema, escrito em forma suprema,
Cada verso com seu jeito esbelto, e de forma tão plena,
Cada cor, com ou sem dor, são os trilhos desse autor,
Cada amor, com seu respectivo e inconfundível sabor.

O amor é uma lágrima, doce, pura, sem sátira,
Cada gota de deleite torna a alma mais empática.
Cada lágrima proporciona mais sabor,
Em sua essência, amor gera mais amor.

O amor é como a chuva no inverno, fria, mas aconchegante,
E se a alma do amante for daqueles errantes...
Isso é que o torna ainda mais intrigante, pois sempre haverá,
Um guarda-chuva, um par de botas e um abraço incessante.

O amor é o melhor amigo da alma amante,
Ele inspira contos, poemas, músicas deveras intrigantes.
Enquanto o amante constante se cansa, o amor sempre ama,
Seja uma flor, uma gota de suor, ou seu beijo apaixonante.

O amor é o senhor dos sentimentos, e rei dele mesmo,
Escreve reto por linhas tortas, e torto por linhas retas.
Cada história e seu leitor, é mais um conto e seu sabor,
Que cada autor escreve com seu próprio...amor.

O muro que nos separa

Olhando em frente há sempre esse muro,
Tão rígido, mas tão atraente, ainda repleto de musgo,
Há algo doutro lado, eu sei, ou talvez seja apenas enfado.

Vontade me vem, quero escalá-lo, com garra e paixão,
Sinto mesmo a dificuldade, mas se me viesse uma mão?
Poderia eu deixar o “então” por uma forma de ação?

Há uma voz por detrás do muro, talvez um sopro, um sussurro,
Ela me acalenta, tão doce e singela, ainda assim forte como tormenta,
Posso eu sonhar com o outro lado desse muro?

A voz que ouço é de uma donzela, daquelas dos contos delas,
Voz tão suave e meiga não seria de longe, seria da beira?
Ah se eu pudesse voar, voaria agora mesmo para lá.

Agora que vejo, percebo, o muro não mais existe,
E apenas coexiste a sensação de estar perto dela, a linda donzela,
Aquele quem quebrou o muro e arrancou-me do escuro.

Ah se eu soubesse de tamanha beleza, com a mais pura certeza,
Teria eu de plena graça e leveza, rompido esse muro, como queira,
E pulado em seus braços princesa das terças.

Doces brumas

Já tão cedo, ali estão as doces brumas que nos ocultam,
Nos iludem em formas tão tênues, assim como nos buscam.

Nada vemos senão suas formas a galhofar,
Onde estará o norte para que possamos olhar?

A frente está a certeza do nada, atrás ali também ela está,
Se esgueirarmos para os lados conseguiremos chegar?
Então demos as mãos para as brumas quebrar,
E com tons de surpresa um caminho traçar.

Aos sons que nos encantam, só desejamos cantar,
Belas histórias das brumas que nos fizeram andar.
Com passos lentos, outrora apressados, já não tão cansados,
Que a vida e as brumas fizeram amar.

Doces tons dessas brumas, poucas cores diurnas,
Mas em sua essência, nos fazem criar.
Novos tons coloridos, misturas da vida tão cruas,
Mas que ensinam nas brumas andar.

Meu amado girassol

Meu amado, amado meu, lindo girassol.
Tal poema lhe serviria se comparado ao sol?
Cada pétala, cada aroma, cada qual com sua cor,
No inverno tu te escondes, no verão nasce uma flor.

Teu aroma inconfundível te destaca de outra flor.
Nem por isso te desonra, já que és tu meu sol de amor.
Onde olhares, seja norte, leste ou sul,
Ainda assim és tu capaz de encontrar a tua luz.

Desde que nascestes teu futuro se escreveu,
Mesmo com poucos caminhos, um final não se te deu.
Há daquelas a certeza que meu “eu” somente é teu,
Indo sempre para cima, um girassol assim cresceu.

Como posso não ama-lo se tu tens meu coração?
Devo eu não corteja-lo mesmo que tenha tua mão?
Ora, não há flor mais doce e pura que retém minha atenção.
Somente seja teu estes olhos, meu grande sol no chão.

Mesmo com tantas palavras, sinto tão pouco lhe dizer,
Mas de uma tão pobre alma, singelas coisas hás de ver.
Girassol meu, meu girassol, não está aqui quem mais te ama?
Este coração que canta, quer para sempre em ti viver.



As pedras do lago

Contemplas a vista desse lago?
Quão formosas e doces são suas ondas de afago?
Para o meu deleite, não são apenas as ondas,
Ao derredor também estão as criaturas que nos sondam.

E se pusermos umas boas cadeiras, daquelas bem cheias,
Cheias de flores e agrados, para o lago encantar?
Pegamos então um punhado de pedras para no lago atirar.
Sendo assim quantas dadivas este lago a de dar?

Veja como formam-se ondas tão belas, grandes, pequenas...
Constantes arestas de uma vida amena.
Está tão pequena pedra, disforme, simplória e efêmera.
Nos lembra de que força é preciso para uma pedra atirar.

O lago recebe, o que de bom grado lhe há dado a calhar,
E entrega-nos graças, sorrisos e trapanças de uma vida com ar.
Demos então ao lago pedras brutas a lapidar,
Ele então nos dará belas joias, alegrias e alguém para amar.

Janela da alma

Não serão estes os mais belos olhos do mundo?
Ora, não são escuros, mas tão claros como o dia de um triunfo.

Todos transpassam com seu simples enlaço,
Cada abraço vem de encaço, cada qual determinam seus traços.

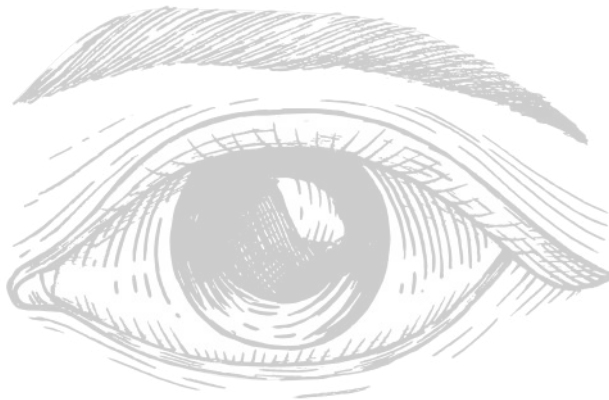
Através dessas janelas me encontro com tua alma,
Através desses espelhos reflito tua calma.

Ora, ora, belos olhos são os teus, quando comparado aos meus,
Quero eu apenas tê-los, mesmo de manhã tão cedo, quebrar o teu véu.

Posso compará-los as matas de verde tão esbelto que me acata?
Ou então ao grande céu com tão lindo azul, te agrada?

Olhos tão belos não são mais que tesouros,
Nem prata, nem ouro os podem comprar.

Meus olhos os fitam, e os teus também sinto fitar,
E cada gota que geram, sinto, mais quero te amar.



Formas disformes

Quão disformes são tuas formas? Quantas formas hão de ter?

A cada momento te crias, te arrasta, surge então novo ser.

O manto que te cobre já não te define bem?

Meu abraço em teus ombros, sentem tua aura, sim tu crês.

Oh quão belos sons dos teus minutos, tão repletos de agrado,

Mesmo que já tão cansados, sempre estão a disformar.

Sempre em ti há esperança, mesmo tal como criança,

Passos lentos, passos curtos, passos doces a andar.

Como deves definir tua forma? Posso eu lhe ajudar?

Cada dia que tu andas, mais amor posso te dar?

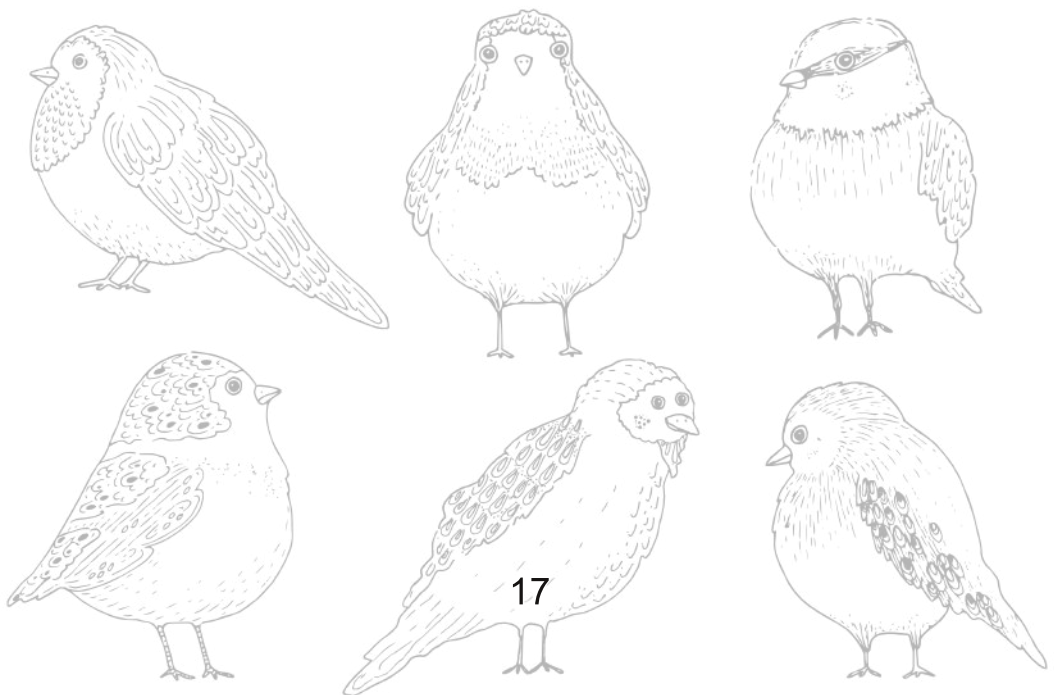
Apenas por si mesma, forma alguma podes criar, então...

Da me uma das mãos para que comigo possas andar.

No final as formas sem formas também podem agradar,
Cada brilho e deslize, cada sino que atenua, ou o simples fato de estar.

Cada vida com sua vida, cada forma com sua forma,

E eu aqui a sussurrar.



Vazio dos mundos

Quão vazio meu mundo encontra,
Entre tantos outros mundos, sinto, maior vazio não há.
Não tão simples sejam coisas, coisas que podem calar,
Esses gritos da minha alma, gritos de amor lhe dar.

Mesmo que seja escuro, esse pobre coração,
Coração de um poeta, coração que deu-lhe a mão.
Mesmo que estejam ocultos, tantos sentimentos vãos,
Ainda podes tu colocar meus pés no chão.

A uma pobre alma errante, dai cantigas e canções.
A um mundo de vazios, dai-lhe um grito: “pobre sois”.
Tenha força de saltar do teu vazio, um ou dois,
Sejam fortes suas vozes, assim como também sou.

Os vazios não te completam, mas tu podes completar,
Tantos quantos vazios puder achar.
Dessa forma tem entrado nesse humilde ser de dor,
E de tão esbelta forma colocando-lhe o amor.

Prelúdio de outro canto

Tu disseras que este canto, veio de sublime encanto,
Mas não eras o mais lindo, mesmo assim amastes tanto.
Com seu charme de um herói, aparência deu-lhe espanto,
Mesmo este entre tantos, pode descobrir teu manto?

Venha ouvir teu doce canto, mesmo que tu já precedas,
Tantos outros doces cantos, de uma forma tão esbelta.
Ora doce, ora frio, mesmo que aches tão vil,
Seja tu mais lindo canto, que este ser assim ouviu.

Como tantos outros cantos, seus clichês são mais de mil,
Ainda mesmo dessa forma, uma flor no peito abril.
Oras, não és tu tão ardiloso? Cantas mesmo que com sopros,
Aos ouvidos de um qualquer, sois tão gentil seu moço.



Meu canto

Canto tanto, quanto tantos outros cantos,
Ainda tantos outros cantos, sinto, tenho de cantar.

Como perfumadas almas, este canto vou te dar,
Sejam poucas as palavras, muitas podem expressar.

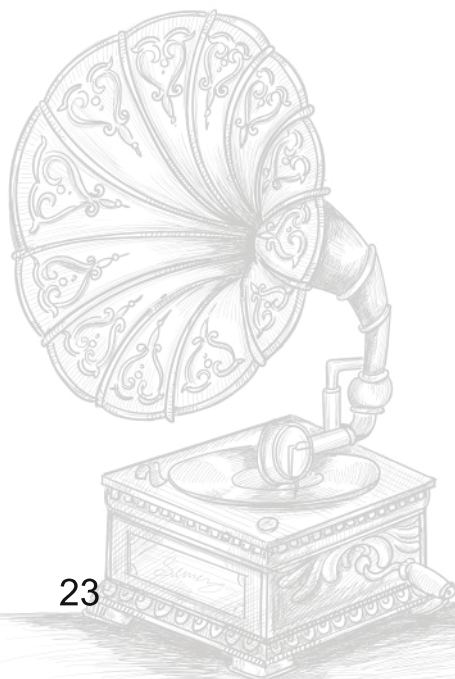
Ora folha, ora ar, o meu canto as de amar,
Seja instante, vida sempre, cantos novos vão gerar.

Como canto? Lhe agrada? Doces e meigas palavras?
Como encanto? Sou tão simples, sem espanto.

Canto como sempre amei, como sempre andei,
Seja o canto, parte santo, parte cambo, mesmo assim eu cantarei.

Umas boas duas doses de um canto pra cantar,
Umas boas duas doses de um santo pra salvar.

Tanto encanto quanto canto, mas meu canto é sutil,
Tua alma é de um nobre, mas o coração sentiu.



Santos poslúdios

Aos santos poslúdios, que precedem quem já foi,
Demos-lhes lindas rosas e algum tanto de amor.

Perfurados por passados, suas dores as senti,
Tantos foram os algozes, mas já santos ressurgis.

E se o tempo não lhe agrada, dai-lhe tempo pra pensar,
Só com tempo e um carinho almas novas hão de achar.

Grande fardo tu carregas, grandes graças já passou,
Mesmo tu sejas honrado, pelas traças que matou.

Só olhando para trás, para frente pode andar,
Só amando que já amais, podes tu também amar.



Grãos de areia

São estes os grãos de areia mais belos?
Mesmo que queiram fazer-nos cegos?
Eles flutuam com graça e leveza, por dentre outros de areia,
Nos imploram para dar-lhes uma vida bem cheia.

Se olharmos eles nos segam, e se não o fazemos perdemos de vista,
O que querem esses pobres olhos? Uma vista bem vista?
Sei que nos causam espasmos, e se jogarmos as cristas?
Que os ventos os levem de forma sinistra.

Grãos tão pesados, já carregados das lágrimas do teu passado,
Outrora afogado em prantos calados,
E agora alegres, mesmo com prantos cansados,
Os grãos lhe ensinaram na areia chorar.

Cores

Quão colorida é tua alma? Cores da calma, cores do amor.
Quantas cores tu misturas mesma que sejas da dor?

Onde encontras tantos traços que te fazem colorir?
Onde encontras tanto espaço pra que eu possa medir?

Tuas cores te destacam, dentre tantos tons de azul,
No cabelo traz um laço, como este vi nenhum.

Cores estas põem na tela para obras tu criar,
Eis aqui o teu amante, quero todas eu comprar.

Dizem que carregas meros traços a traçar,
Mas vejo que tens esmero, poucos podem interpretar.

Cores estas só de graça não te das,
Mas criaste tu tal peças, pra que possas mãos tocar.

Daí uma dessas cores pra que possa eu criar,
Tantas obras como as tuas, e então a dor levar.



Os caracóis nos teus cabelos

Ali estão um ou dois caracóis, talvez ainda haja mais.
Belas formas te definem, com teu jeito tão sagaz.

Eles dão te nomes, dama dos cabelos soltos,
Das batalhas dão despojos e do seu amor afoito.

Mil batalhas já vencestes, com cabelos e as tormentas,
Mais de mil também perdestes com teus belos dons a solta.

Estás formas te acalentam, mas também dão nome aos tempos.
Tempos estes que te moldam, ventos estes que te soltam.

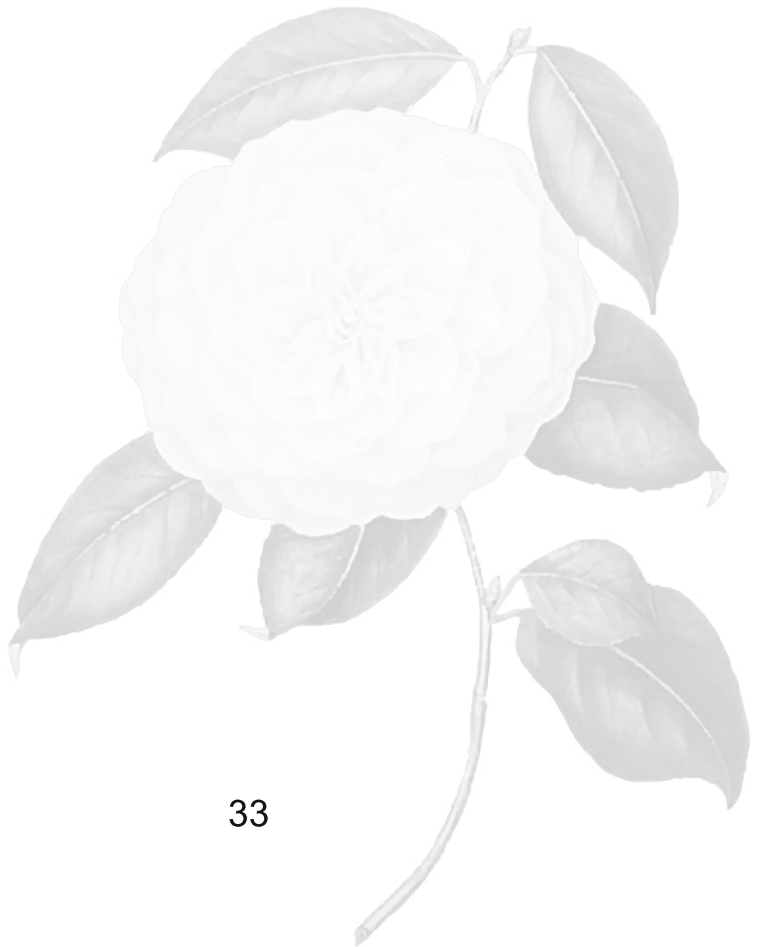
Asas tantas tu já tens, e bons caracóis também,
Resta agora dar-lhe alguém, que ames teu dons também.



Não é este 27 o número do amor?
Une se o 2 ao 7 para formar uma cor.
Desse 7 tu já sabes, deu-lhe fama seu autor,
Em 6 dias tudo fez, e com 7 descansou.

Mas o que tu não sabes é que o 2 assim ganhou,
Pois ao unir tua e minha alma, um amor assim criou.
Ainda não suficiente une se então o 7,
Mais um ano em tua vida, cria-se então sabor.

2 é o número do amor, 7 o da perfeição,
Unem-se tão belos números, assim como unem-se as mãos.
Dai-me um desse teu 2 e te darei meu coração,
Dai-me 7 doces beijos e te darei versos de amor.



Beijos entre os olhos

Com carinho beija-me entre os olhos,
Já não vejo minhas dores e os despojos a ti recolho,
Que seria eu se não tivesse tal carrinho?
Que seria eu se vivesse aqui sozinho?

Só quem ama de verdade hão de lhe entregar a graça,
Pois na vida de trapaças, nada ganhas se não bênçãos de fachada.
Sei que você não percebe, mas meu coração é belo.
Nada tinha mesmo cheio, antes que você me veio.

Beija-me outra e outra vez, como sempre assim o fez,
Eu lhe beijarei em troca quando chegar minha vez.
Sei que sempre estás alegre, com tão poucas oferendas,
Mesmo assim peço que entendas, beija-me outra e outra vez.



Faces da noite

Mil e uma noites têm estado por aí,
Procurando novas pontes donde podes tu fugir,
Quem te podes persuadir? Quem te podes iludir?
Deixa-te em meus braços esta noite então cair.

Vê, não te embriagas com tamanhas taças,
Vê, não te escapas tão poucas palavras,
Sinta as faces desta noite, todas querem te cobrir,
Sinta um toque de açoite, pra que não possas dormir.

Construo teu leito tão cheio de esmero e tão cedo espero,
Que possa teus braços tocar-me esta noite do modo que quero,
E do mesmo açoite venho banhar este corpo,
Com seu doce sopro, um amor proibido e com faces da noite.



Páginas sem número

É mais uma página tão branca e sem número,
Olhada de canto em momento oportuno.
Vejamos tal página, completa e vazia,
Em ti não há marcas, não há que te espias.

O branco te encobre, também te ensina,
No branco há sempre alguém quem te cria.
Não há em ti números, nem quem te enumeres,
Tal página em branco, o amor te engrandece.

Tua vida em páginas sem tinta escreves,
De forma esbelta alguém tu precedes,
Alguém glorioso, um pouco astuto e rançoso,
Que em páginas passadas não mais podes ver.

Teu tempo não foi, é apenas o início,
De tuas glórias, carinhos e caprichos,
Que em páginas em branco, sem números, que espanto.
Consegue escrever gloriosos e turbulentos cantos.

Pobre homem

Pobre homem este meu no peito,
Que tão pobre sofre, pede a ti um novo leito.

Leito este que deleita, agracia quem lhe espreita,
Pobre homem este que tu aceitas.

De tão pobre homem há de ter tamanha graça,
Pois tão pobre homem viu em ti ação escassa.

Mesmo assim olhou nos olhos, algo tão sutil que agrada,
Este tão calado homem a quem tu também afagas.

Será este pobre homem teu sonhado homem?
Será este ser esnobe o amor que em ti aproves?

Pobre e tão sonhado homem, mesmo que ainda jovem,
Pobre tão amado homem, viu em ti seu par no amor.

Viu em ti seu par na dor, na cor, no sabor,
Mesmo que não sejas tu flor, pobre tão sonhado homem.



Estrela cadente

Já no seu tu te despontas,
Sempre para o norte aponta,
Brilha como outras mil,
Brilha mais pra que te viu.

Ora acende, ora apaga,
Quanto mesmo te destacas?
Brilha para este céu,
Vê? Preenches este véu.

Tua é a estrela, só a ti ela cativa,
Mesmo que passe mil vidas,
Esta estrela em ti veras.
Pega esta tua estrela então deixa ela brilhar.

Vê do céu caindo?
Vê no fim sumindo?
Faze agora um desejo, vamos, rápido! sem medo!
Deixa a estrela então criar.



Aos meus nobres violões

A tão nobre violões, peço agora uma canção,
Canção esta que alegra, os amargos corações.

Essa música é dela, ditas traços, és tão esbelta,
Dai-lhe muitas outras músicas, ela no sol te espera.

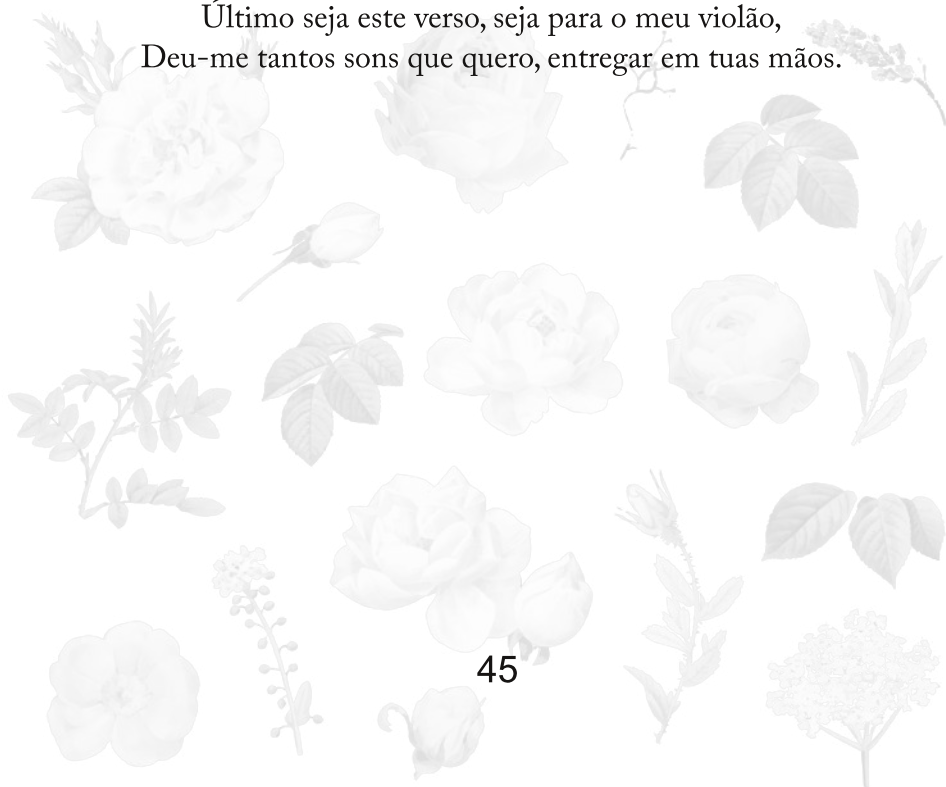
Acalenta-me no frio, junta a mim os braços dela,
Toca só mais uma corda, muitos sons meu “eu” anela.

A cada acorde que tu crias, tu desfazes um nó na vida,
A cada laço que enlaça, mais amor, vê não desfaça.

Aos meus nobres violões, peço outra vez canções,
Dai-me honra a estes dedos, pra entregar-te sensações.

Pobres tu que não entendes as canções que te entrego,
Mas então se compreendes, teus ouvidos eu os quero.

Último seja este verso, seja para o meu violão,
Deu-me tantos sons que quero, entregar em tuas mãos.



Beijo de canto

Tive um sonho está noite, sonhei ter visto ela,
Tão lindo sorriso, cria em mim dia solstício.
O meu corpo te deseja, minha alma te almeja,
Deixa-me tocá-la agora, minha boca te corteja.

Os teus olhos não tem fim, trouxe a mim doce encanto,
Quando menos eu espero, tua boca beija-me de canto.
Como agora vou viver sem ter sempre esses teus beijos?
Posso eu surpreender minha boca com outros desejos?

Olho cada vez te mais, quero completar minha paz,
Cada vez que eu te alcanço, mais meu coração espanto.
Onde então você está? Será este apenas sonho?
Sinto-me um pouco estranho, mas quero tanto te encontrar.



Minhas criações

São tantas as minhas criações,
Vezes crio-te tão bela, outras vezes um tanto séria.
A mim mesmo não limito, deixo ao vento teu espírito.

Alguns dizem “seu poeta”, outros dizem “quanto amor”,
Mal tu sabes que são estas criações da flor.
Flor que tu com ego plantas, flor que regas com suor.

Uma vez te fiz tão alta, pra montanhas alcançar,
Outra vez fiz tão singela, pra uma flor acalantar.
Crio-te da forma certa, pra teus sonhos alcançar.

Vê? As vezes não percebes que estou eu a te criar,
Com as minhas próprias graças, quero eu te embalar.
Então deixa-me que eu quero, estas criações criar.



Sórdidos que observam

Sórdidos observadores que te observam,
Não sabem valor te dar da forma que tanto espero.

São ciúmes que os criam e de inveja te vigiam,
Sejam tão malditos sórdidos os olhares que os guiam.

Já sabeis que estão errados de tal forma avaliar!?
Mesmo assim então insistem de tal forma observar!?

Não entendem que de barro tu foste feita,
Mas teu criador é belo, mesmo assim a ti aceita.

Como podem esses sórdidos teu poema assim julgar!?
Tramam seus próprios esquemas para tua dor contar.

Deixa-os para o lado, olha apenas para mim,
Se encontrar cansada, um doce leito para ti o fiz.



Chuva que despenca

Chuva em ti despenca, gotas belas que te atraem,
Chuva está molha a alma, chuva está que em ti cai.

Vês que o céu está amargo? Más notícias hão de vir,
Mas vê tu não se preocupas, belas gotas vão cair.

Assim como chora a alma, o teu céu também o chora,
Mas das lágrimas amargas, ele escreve outra história.

Oh quão doces teus pingados, já enchestes muitos rios,
E quando achastes fardo, no teu mar então caiu.

Oh quão doces sejam essas, doces gotas que te banham,
Tempo em tempo choram juntas, outros tempos te encantam.



Tempos gélidos

De tempos em tempos vemos estes gélidos,
Tão amargos tempos, nem de longe os espero.

Mas nem tudo em si são flores, temos dores,
Alguns poucos espasmos e muitos amores.

Quem me dera se pudesse os afastar, deixá-los o vento levar,
Mas como obra e criatura, o autor os quis criar.

Desses tempos tão estranhos nem só dores se aprende,
Eles cantam belas cores aos ouvidos que os entendem.

Tempos frios, outrora quentes, tocam apenas os que sentem,
Coisas doces, amargas, estranhas, mas que ao coração não mentem.



Crepúsculo no teu sorriso

Lá de longe te observo, com calma te aguardo, te espero,
Vejo que sorris com tamanha graça, um sorriso esbelto.
Nada tão notável quanto o crepúsculo que em ti surge,
Nada tão amável, faz que reis dos tronos a ti se curvem.

Qual é o teu segredo? As vezes sinto, tens medo.
Quais são os teus anseios, queres ouro e um anel em teus dedos?
Quanto vale esse sorriso tão cheio?
Cheio de glórias, anseios, que tens ganhado de um trevo.

Tu tens sorte, sabes bem, mas não apenas sorte faz te ser,
Teu sorriso é pintado com formosura e agradados, milhões suas formas tem.
Como posso comparar, se como este ninguém o tem?
Como posso me afastar, se ao teu domínio meu “eu” tu tens?

O crepúsculo que te mostra é tão belo e sagaz,
E as formas que o moldam não tem como eu contar.
Deixa apenas que eu me prostre ao crepúsculo que eu olhar.
Deixa apenas eu amar, sonhar, estar, pertencer ao teu lugar.



Homem de mil faces

Não sei se posso falar de mim, homem de mil faces,
Quantas faces eu oculto, quantas outras tu já sabes?
Quanto versos eu escrevo quando sei que tu me amas?
Quantas vezes eu espero? minhas faces tu encantas.

Minhas faces são tão parte quanto “eu”,
Elas mostram minhas margens, e os limites do que é teu.
Tantas faces em um homem, podes este controlar?
Tantas faces de um pobre, podes este encarar?

Essas faces que me moldam, a minha alma são reforços,
Quando embarco nesse barco, minhas faces mantêm-me a salvo.
Tu perguntas a essas faces quantas vezes tu quiseres,
Todas elas sim concordam, só tua face todas elas querem.



Sonhos que nos moldam

Tantos quantos possa tu contar,
Tantos quantos possa tu imaginar,
Todos esses são teus sonhos, que a mim também pertencem,
Todos esses em seus olhos, sempre competem e vencem.

Por que pensam que os homens têm que se privar dos sonhos?
Por que fazem real esse pensamento estranho?
Teu sonhar é tua dádiva,
Com sonhar constróis de forma ávida.

Sempre sonhas tão vívido, teus sonhos amenos e rígidos?
Deixa-me também sonhar com teus mesmos princípios?
Ora, não sei se sou digno, mas não me maltrate com espinhos,
Deixa-me sonhar um pouquinho.

Esses teus sonhos são lindos, tecidos sobre meu próprio linho,
Faze-me parte constante desses teus sonhos sucintos.
Então deixa que eu crie teus sonhos mais longos,
Desse teu simples pouco possa ditar esse conto.



Pensamentos que vem e vão

Outrora vem-me pensamentos tais,
Quantos tantos pensamentos que queres achar.
Eles não têm rumo, não sabem onde vão parar,
São pensamentos pequenos aprendendo a andar.

Outrora vão-se pensamentos tais,
Tornam-se doces poemas, pra quem queiras contar.
Eles alcançam tua alma, já conseguem andar.
Já não são tão pequenos, já te podem amar.

Quantos vieram? Quantos outros se foram?
Este um que escrevo, enfeitei com adornos.
Ora, se eu pudesse tantos dias contar,
Com tantos pensamentos que vieram me encantar.

Seria de todo assim, com pensamentos que eu mesmo fiz.
Seria tão triste enfim, com aqueles que esqueci.
Todos os meus pensamentos são obras de ti,
Que com calma escreveste, e a alma fez tu feliz.



Juntos

Juntos nascemos, almas amantes e corpos distantes,
Juntos crescemos, debaixo de um sol radiante.

Mesmo tão juntos, distantes ficamos,
O tempo ardiloso fez nos belos amantes.

Juntos cantamos, tons certos e errados,
Juntos fazemos bons e belos agradados.

Sempre sentados, ao lado um do outro,
Sempre afastados, somos mesmo escopo.

Juntos amamos, juntos beijamos,
Juntos fizemos coisas das quais nos alegramos.

Deixa-me junto, pra sempre ficar,
Sempre junto ao teu lado, um amor carregar.



Esta última página

Está última página é só o começo,
Que distorce meu medo e com carinho a escrevo.

Não por ser está a última, menos seja importante,
Mesmo seja tão abrupta, será sempre constante.

Está fiz eu com pressa, pra com tempo acabar,
Mas se tu a mim peças, outras posso criar.

Não se sinta iludidas, que tão poucas eu fiz,
Posso eu surpreender-te, faça tantas que quis.

Uma última página, marca o fim de um livro,
Mas também marca o início da tua história comigo.

Não que sou desleixado, quero mesmo é o abraço,
Que vem logo a seguir, quando está última página a ti surgir.



Todos os direitos reservados ao autor. Proibida a comercialização.

É permitida o compartilhamento do material em qualquer meio, desde que sem a intenção de comercialização. Em caso de compartilhamento atribuir os devidos créditos ao autor.

Para mais informações, contate o autor através do endereço eletrônico:

claudemir.casa@ufpr.br